

---

**O TEMPO VINHA SEMPRE: O JOGO DA MEMÓRIA POR BERNARDO E  
TERESA EM *O FIEL E A PEDRA***

**THE TIME ALWAYS CAME: GAME OF MEMORY BY BERNARDO AND  
TERESA IN *O FIEL E A PEDRA***

Cacio José Ferreira<sup>1</sup>

**RESUMEN:**

En esta conferencia discutiré las posibilidades de análisis de la obra *O fiel e a pedra*, de Osman Lins, poniendo de relieve el tiempo y el espacio por medio de fragmentos de la memoria de los personajes Bernardo e Teresa a partir del regreso al pretérito como vestigios imprescindibles para la creación y arquitectura peculiar de la narrativa que, por otra parte, presentan en la representación simbólica del semiárido y retroceso en el tiempo y en el espacio para pensar la posibilidad de solución de pendencias futuras. No se trata de especular posibles influencias de la obra brasileña en el campo de la memoria, sino comprender las argumentaciones y recurrencias al pasado de Bernardo y Teresa como forma de llegar a un camino diferente. De este modo, el análisis del engendro literario de la obra permite comprender en los juegos textuales del autor en la ingeniosa creación de tiempo y espacio, elaborados a través de fragmentos rápidos en la tortuosa travesía de la preteridad de los personajes reflexionando, asimismo, la creación futura, el reflejo social de sus épocas, la palabra y las impresiones de la memoria. Por tanto, los lazos simbólicos por medio de la recuperación de la imagen, del uso del tiempo y del espacio, mediados por el "recuerdo" serán investigados como procesos de creación que posibilitan al sujeto proezas y conservación de la existencia en un mundo transcurrido.

**Palabras-clave:** Osman Lins; memoria; preteridad; *O fiel e a pedra*; juegos textuales.

**ABSTRACT:**

In this paper I will discuss the possibilities of analysis of the work *O fiel e a pedra* by Osman Lins, showing the time and space through fragments of memory of the characters Bernard and Teresa from the return to the past as essential evidence for the creation and peculiar architecture in the narrative, which, in turn, present the symbolic representation of the hinterland and the retreat in time and space to think about the possibility of future disputes solution. This is not to speculate possible influences of the Brazilian work in the field of memory, but to understand the arguments and recurrences to Bernardo and Teresa past as a way to reach a different path. Thus, the analysis of the literary work allows us to understand the ingenious creation of time and space on the textual games, prepared by rapid fragments in the tortuous passage through the remembrance of characters reflecting thus the future creation, social reflection of their times, the word and memory impressions. Therefore, the symbolic links by retrieving the image, the use of time and space, mediated by "memory" will be investigated as creating processes that allow the subject exploits and conservation of existence in a world elapsed.

**Keywords:** Osman Lins; memory; remembrance; *O fiel e a pedra*; textual games.

---

<sup>1</sup> UFAM, [caciosan@hotmail.com](mailto:caciosan@hotmail.com)

Em 1961, o pernambucano Osman Lins publica o romance *O Fiel e a Pedra*. Nele, a memória desempenha função singular no acompanhamento de Bernardo Vieira Cedro e Teresa. A obra é atravessada pelo senso de justiça, dignidade e honra que orienta o protagonista. Bernardo, homem de alma justiceira, que inicia sua história após deixar o emprego de agente fiscal num posto da prefeitura da Vitória, cidade rural nordestina. Já nos primeiros percalços, Bernardo, sente o desprezo dos amigos que pressupõem que sua atitude de deixar o emprego deriva de soberba. No entanto, ele perseguia tão somente a defesa irrestrita da justiça: o não desvio de arrecadação.

Diante das decisões surpreendentes ao senso comum, seu consolo e incentivo são os braços de Teresa – a esposa dedicada –, que o apóia em todas as decisões. Assim, é grande a recorrência ao passado como busca de conforto a essa alma aflita, conforme atestamos no trecho abaixo:

Por fim, tarde da noite, adormecera. E sonhara – o que por duas ou três vezes na vida, desde que homem feito, já lhe sucedera – com um episódio bem antigo, do qual jamais se lembrava acordado e que, em certos momentos, às vezes os mais plácidos, ressurgia em sonhos, sempre antecipando uma desgraça (LINS, 1961, 60).

Nesse caminho, Bernardo acessa uma preteridade? Ela se constitui uma memória? Sem dúvida essas são perguntas que comporta inúmeras e complexas reflexões na narrativa. Mais interessantes, porém, do que as respostas, talvez, sejam as outras indagações que advêm da primeira. Como ocorrem a ordenação e a releitura dos vestígios de experiências passadas? Quem as institucionaliza? Por quê? De que forma? Como se dão as ligações entre as diferentes formas de memória? Parece interessante refletir sobre esses questionamentos ao focalizar as memórias de Teresa e Bernardo no romance *O fiel a pedra*, de Osman Lins, pois é por meio da recordação, do esquecimento e “nas manipulações conscientes ou inconscientes que o interesse, o desejo, a inibição, a censura exercem sobre a memória individual” (LE GOFF, 2003, p.422). *O fiel e pedra* é o limiar entre a primeira e a segunda fase das obras literárias do escritor. Nessa narrativa ficcional os personagens Teresa e Bernardo circulam no enredo segundo uma memória mais criadora do que repetitiva. Os fragmentos dela são acessados como forma de antecipação de decisões ao tomar um novo caminho diante de alguma dificuldade da vida.

Os fragmentos recuperados são recursos de mediação entre a experiência e a criação de mecanismos embasados na não repetição do passado, apresentando possibilidades novas a Bernardo Cedro. Esse “repensar” entrelaçado com a preteridade é capaz de superar e suplantar dificuldades que estão sempre conjugadas, ora em conflito, ora em sinergia.

Na tradição filosófica bem como no pensamento do homem comum, por exemplo, a memória retoma e restaura uma realidade intacta, plena de questionamentos, configurando um processo contínuo que difere da reminiscência, a qual é entendida como a possibilidade de recuperar parte de algo deixado no passado<sup>2</sup>. É como se um indivíduo penetrasse em uma cisterna, olhasse sua imagem refletida no fundo dela (imagem retorcida) e no seu interior recuperasse conteúdos por meio de uma sensação já experimentada.

---

<sup>2</sup> Para Aristóteles, a memória refere-se a algo cronológico que antecede a reminiscência e “pertence à mesma parte da alma que a imaginação: é uma coleção ou seleção de imagens com o acréscimo de uma referência temporal” (ROSSI, 2010, p.16).

---

Na tradição platônica, a memória se revela como parte de um conhecimento ligado à doutrina “misteriosófica” da reencarnação, ou seja, “fundamentada e apoiada perfeitamente sobre a metafísica, isto é, sobre a doutrina do supra-sensível, de qual se torna como que um corolário: a alma é a dimensão inteligível e imaterial do homem e eterno como é o eterno o inteligível é imaterial” (REALE, 1994, p.183/184). Assim, a *anamnese* platônica não é uma invocação dos sentidos, mas um reconhecimento das essências, de coisas universais e inteligíveis. Todo conhecimento, dessa forma, configura uma lembrança, sendo a *anamnese* uma instância superior ao nível da experiência da ação psicológica.

Na tradição gnóstico-hermética, a memória surge como um dom ofertado pelos deuses, convertendo-se em uma força sacra. Além do mundo humano, há outros níveis inacessíveis. Desse modo, é necessário conectar o humano com o universo na tentativa de encontrar respostas em uma trama metafísica. Essa correspondência do microcosmo, com o macrocosmo na postulação de Rossi:

São espirais que descerram um acesso à trama metafísica da realidade, que mostram uma via para a profundidade do ser. Emblemas, divisas, imagens e selos se tornam símbolos de coisas inefáveis. O artista da memória não é mais o construtor de uma técnica útil aos oradores e advogados; é parecido como o mago, com o sacerdote da nova religião hermética ou “egípcia”. É o interprete da realidade do universo e do seu destino, o possuidor da “chave universal” que está escondida e assim deve permanecer para os mortais comuns (ROSSI, 2010, p.18).

Dessa maneira, na tradição filosófica há divergências em relação à denominação do termo da memória. Dissensos também persistem no pensamento filosófico contemporâneo. Termos como “memória” e “reminiscência” dialogam com a filosofia contemporânea, mas é o “esquecimento” que suscita a memória, permitindo, assim, voltar para o esquecido? Dessa forma, a busca por respostas no vasto e desdobrável campo da memória gera grandes ideias, ampliando consideravelmente o entendimento sobre seus fenômenos e sistemas dinâmicos de organização no pensamento humano.

No século XVII, Juan de Aranda definia a memória como “um escribano que vive dentro del hombre”, expandindo assim, o remoto e limitado discurso sobre a memória. Nem estudiosos tampouco qualquer indivíduo comum poderiam memorizar todos os escritos que, desde a Antiguidade até hoje, fazem referência à memória. Tal temática que a compreende está somente na capacidade dos organismos vivos de se aproveitarem da experiência passada, em virtude da qual passam a ter uma história ou fundamento do aprendizado em geral em quaisquer de seus aspectos motor, emocional, verbal, consciente, inconsciente. É muito mais amplo, mas um item é comum: o recuo para o passado. Dessa forma, Paul Ricoeur argumenta que:

Nada temos de melhor que a memória para garantir que algo ocorreu antes de formarmos sua lembrança. A própria historiografia, digamo-lo desde já, não conseguirá remover a convicção, sempre criticada e sempre reafirmada, de que o referente último da memória continua sendo o passado, independentemente do que possa significar a preteridade do passado (RICOEUR, 2007, p. 26).

Nesse caminho, a página nunca perderá suas imagens enquanto o ser humano dispor de faculdades de voltar ao passado. Diante da tela do passado, advém necessária inquietação de entender

cenar que são incompletas e reconstituídas como se fosse a totalidade de um mundo que vai se desvelando entre o acontecido e imaginado. O mundo ordenado na preteridade condensa uma espécie de completude, mas não é. Bernardo e Teresa sabem bem disso. Às vezes, eles se perdem no emaranhado de preteridade que chega à memória, conforme a declaração a seguir.

Saber que os meses passariam, impassível fluir, que o presente haveria de morrer e que outra mulher nasceria sobre ela, feita como que de tempo e esquecimento. Maldade ou salvação? O tempo vinha sempre, vinha sempre, outras convivências e outras alegrias, apagava nos mortos todo traço vago, e mesmo o essencial nem sempre vinha **ao chamado da memória**<sup>3</sup> (LINS, 1961, p.36).

A preteridade é, sem dúvida, algo recorrente na memória, não configurando, porém, o único fator que operacionaliza a evocação. A identidade e, de forma indireta, a própria persistência do futuro constituem a espiral que entrelaça memória e esquecimento. Nesse sentido, Rossi esclarece que,

na cultura medieval, as cerimônias em memória dos mortos não testemunham só a dor individual e a vontade de não esquecer: o sacrifício monástico da intercessão não ergue o falecido um monumento sobre a terra, mas “inserindo o seu nome na lista a ser lida durante a liturgia, efetua o seu acolhimento na *Liber vitae* celeste, na memória eterna de Deus”. Na cultura swahili, os mortos que permanecem na memória dos outros são os mortos-vivos, que só morrem completamente quando desaparecem os últimos que estavam em condições de recordá-los. Aqui, digamos que a memória concerne ao objeto da memória e não àquele que memoriza: a “lembrança” exprime de fato a preocupação acerca da existência, num mundo ultraterreno, de quem não está mais na terra (ROSSI, 2010, p.24).

Nesse caso, a perspectiva é conservar os encontros em meio à preocupação da própria existência. A falta de memória no indivíduo não o limitaria provar uma série de momentos, porém sem nenhuma significação. O emaranhado de possibilidades do retorno ao passado com o confronto do futuro simplesmente não existiria. Por conseguinte, os elos simbólicos por meio da recuperação da imagem, do uso do tempo, da “lembrança”, possibilitam ao sujeito proezas e conservação da existência em um mundo transcorrido. De acordo com Le Goff, no caso do sonho, é necessário evocar Sigmund Freud como inspirador, em especial,

(...) Freud da Interpretação dos sonhos, no qual afirma que “o comportamento da memória durante o sono é certamente significativo para toda a teoria da memória”. Freud trata da “memória do sonho”, em que, retomando um expressão de Scholz crê notar que “nada do que possuímos intelectualmente pode ser inteiramente perdido”. Mas a crítica “a ideia de reduzir o fenômeno do sonho ao da rememoração”, pois existe uma

---

<sup>3</sup> Grifo meu.

---

escolha específica do sonho na memória. Esta memória, também aqui, é escolha. Porém, Freud não é tentado a tratar a memória como uma coisa, como um vaso reservatório. Mas, ligando o sonho à memória latente e não à memória consciente e insistindo na importância da infância na constituição desta memória, contribui ao mesmo tempo que Bergson, para aprofundar o domínio da memória e para esclarecer, pelo menos no nível da memória individual, esta censura da memória, tão importante nas manifestações da memória coletiva (LE GOFF, 2003, p. 466).

Dessa forma, a narrativa prossegue tensa permeada por defesas de interesses e retorno à preteridade como forma de conceber o melhor meio para o confronto final. A obra *O Fiel e a Pedra* rompe as barreiras do espaço e tempo a partir de instrumentos tradicionais do passado, cuja angustiante busca, uma das atividades primevas dos indivíduos e da sociedade, é minimizada por meio de um elemento essencial de consolo: a memória.

Ainda na sondagem desse curioso símbolo da memória, algo tão essencial e peculiar no indivíduo, o lastro da abordagem simbólica pode ser bem mais vasto do que poderia supor. As revelações da palavra nas “invenções” dos personagens para suportarem o presente, de forma ainda mais forte, permeiam o romance, conforme o trecho a seguir:

O mundo “fala” ao homem e, para compreender essa linguagem, basta-lhe conhecer os mitos e decifrar os símbolos (...) em última análise, *o Mundo se revela enquanto linguagem*. Ele fala ao homem através de seu próprio modo de ser, de suas estruturas e de seus ritmos (ELIADE, 2007, p. 125).

Logo, a preteridade em *O Fiel e a Pedra* faz alusão a essa busca, a qual, na literatura, não se resguarda do espanto diante do maravilhoso mundo da palavra “transgredindo um espaço selado, abarco e aceito, à reveladora claridade desse relâmpago regirante que rompe — unindo-o em seguida — o véu das coisas” (LINS, 1973, p. 381). Corroborando, ainda, nesse viés de pensamento, Tengo, personagem de *IQ84*, afirma que “ao alterar a ordem das palavras, as imagens tornavam-se mais nítidas. E o ritmo também se tornou mais preciso” (MURAKAMI, 2013, p. 74). Ou seja, o universo antes fragmentado, é revelado. A desestabilização e simulacros dos espaços instituídos na memória se convergem na concretude das ações, na clareza dos cenários e percursos.

A partir desse raciocínio, Bernardo e Tereza faz perscrutação na memória. Ela revela pedaços de tempos e espaços passados criando um futuro refratário, mas consciente e, de certa forma, composto por um senso de justiça mais forte. Os fragmentos de tempos e instantes são recuperados, e em seguida, oferecidos aos personagens para a concretização de sua interação social. Tudo se assemelha a uma fresta que rompe a realidade completa e interna do personagem e dá a ele a capacidade de se interagir com tempos e espaços concretos, mas que só é possível naquele momento e naquela fresta rompida. Nesse viés, Bergson enfatiza que

não bastam a si mesmos, uma vez que o escoamento não implica uma coisa que se escoar e a passagem não pressupõe estados pela quais se passa: a coisa e o estado não são mais que instantâneos da transição

artificialmente captados; e essa transição, a única que é naturalmente experimentada é a própria duração (BERGSON, 2006, p. 50).

Portanto, a preteridade de Bernardo e Tereza se junta ao inconsciente que se rompe, captando os contornos dos objetos externos, a vida e os diversos caminhos que existem na palavra. Nesse sentido, o ato da memória supõe escolhas, cissura da totalidade interna e a apreensão do tempo e do espaço externos – das mínimas às de grande porte – e, por cada uma delas, os relâmpagos imaginativos e criativos que compõem e delineiam os caminhos a ser vencidos pelos personagens, engendram a invenção e possibilitam a armação de um mundo que ainda assim não está pronto. A página não está totalmente em branco. No entanto, ainda há espaço para a inserção de elementos que constituirão o futuro fiel e sólido de Bernardo e Tereza.

## REFERÊNCIAS

- BARTHES, R. *Análise estrutural da narrativa*. Rio de Janeiro, Vozes, 1976.
- BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. Obras escolhidas. São Paulo, Brasiliense, 1994.
- BERGSON, Henri. *Duração e simultaneidade*. Trad. Bento Prado de Almeida Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- BRUNEL, Pierre. *Dicionários de Mitos Literários*. Rio de Janeiro, José Olympio, 2005.
- CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*, São Paulo: Cultrix, 2007.
- CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro, José Olympio, 2008.
- COMPAGNON, Antonie. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*, Belo Horizonte: ed. UFMG, 2006.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo, Perspectiva, 2007.
- \_\_\_\_\_. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo, Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, Michael *A ordem do discurso*, São Paulo: Loyola, 1996.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Memória, história, testemunho*. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, Unicamp, 2004, p. 85-94.
- GHYKA, Matila. *The Geometry of Art and Life*. New York: Dover Publications, 1977.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história*. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.
- JUNG, Karl. *O homem e seus símbolos*, São Paulo: Nova Fronteira, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*, São Paulo, Vozes, 2002.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, Unicamp, 2003.
- LEXIKON, Herder. *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Cultrix, 2007.

- 
- LINS, Osman. Evangelho na taba: outros problemas inculturais brasileiros. São Paulo, Sannus, 1979.
- \_\_\_\_\_. Guerra sem testemunhas: o escritor, sua condição e a realidade social. São Paulo, Ática, 1974.
- \_\_\_\_\_. Lima Barreto e o espaço romanesco. São Paulo, Ática, 1976.
- \_\_\_\_\_. O fiel e a pedra. São Paulo, Martins, 1961.
- MARQUART, Rosa Walda Abreu. O fiel e a pedra e as epopéias clássicas: diálogos e tessituras. Tese de doutorado/USP. São Paulo, 2008.
- MURAKAMI, Haruki. 1Q84. São Paulo: Alfaguara, 2012 – tomo I.
- \_\_\_\_\_. 1Q84. São Paulo: Alfaguara, 2013 – tomo II.
- \_\_\_\_\_. 1Q84. Portugal: Casas das Letras, 2012 – tomo III.
- NITRINI, Sandra. Poéticas em confronto. São Paulo, HUCITEC; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1987.
- REALE, Giovanni. Platão. São Paulo, Loyola, 1994.
- RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas, Unicamp, 2007.
- \_\_\_\_\_. Tempo e narrativa II. Campinas, SP: Papyrus, 1995.
- \_\_\_\_\_. Tempo e narrativa III. Campinas, SP: Papyrus, 1997.
- ROSSI, Paolo. O passado, a memória, o esquecimento: seis ensaios da história das ideias. São Paulo, UNESP, 2010.
- SAHM, Estela. Bergson e Proust: sobre a representação da passagem do tempo. São Paulo, Iluminuras, 2011.
- SARLO, Beatriz. Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo, Companhia das Letras; Belo Horizonte, UFMG, 2007.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. São Paulo, Ed. 34, 2005.
- YATES, Frances Amelia. A arte da memória. Trad. Flavia Bancher. Campinas, Unicamp, 2007.